

Cornelius Van Til: *Uma Análise do Seu Pensamento*

por

W. Gary Crampton

Deve ser dito de John Frame, Professor de Apologética e de Teologia Sistemática no Seminário Teológico de Westminster (Escondido, Califórnia), que ele é um homem muito corajoso, uma alma sincera. Em seu último livro, *Cornelius Van Til: An Analysis of His Thought*,¹ apresentado na celebração do centésimo aniversário de Van Til, o Professor Frame, como o título sugere, tenta codificar os pensamentos do seu mentor. Escritos antigos da Trinity Foundation têm apontado não somente os conceitos ecléticos de Frame², mas também os pensamentos paradoxais de Van Til³ — escritos que indicam que a tarefa do professor não é possível. Destemidamente, Frame tem escrito umas 400 páginas nas quais ele, para citar a contracapa desse volume, “combina profunda apreciação com incisiva análise crítica das idéias do renomado apologista de Westminster”.

O livro é dividido em seis partes principais, seguidas por dois apêndices (o apêndice A é uma reimpressão da revisão de Frame do livro *Classical Apologetics*, escrito por Sproul, Gerstner, e Lindsley; o apêndice B é um artigo de Edmund Clowney sobre a pregação de Van Til). A Parte Um tem a ver com “Considerações Introdutórias”. Aqui o autor nomeia alguns eruditos que simpatizam com o Dr. Van Til e outros que não (“desmistificados”), fala sobre o seu método de analisar Van Til, apresenta uma entusiasmada e abreviada história da “vida e caráter de Van Til”, e nos dá sua opinião com respeito ao “lugar [do seu mentor] na história”. Ele conclui que embora Herman Dooyeweerd e Gordon Clark tenham sido grandes pensadores cristãos, Van Til é superior. De fato, diz Frame, embora Van Til não o pensador mais compreensivo, claro ou influente de nosso tempo, ele é “talvez o pensador cristão mais importante desde [João] Calvino” (44). Nessa revisão, veremos se esse superlativo é justificado.

Na página 47, Frame faz a reivindicação, não incomum entre os Van Tilianos, de que Gordon “Clark deu à lógica de Aristóteles a mesma autoridade que a da Escritura”. Essa é, na melhor das hipóteses, uma caricatura. Antes, como Agostinho antes dele, Clark ensinou que as leis da lógica são a forma de Deus pensar, e que essas leis estão embutidas na Escritura. Na mesma página, Frame escreve:

1 John Frame, *Cornelius Van Til: An Analysis of His Thought* (P & R Publishing, 1995).

2 John W. Robbins, “A Christian Perspective on John Frame,” *The Trinity Review*, Número 93.

3 Robbins, *Cornelius Van Til: The Man and the Myth* e W. Gary Crampton, “Why I Am Not a Van Tilian,” *The Trinity Review*, Número 103. [Nota do tradutor: textos já traduzidos e disponibilizados no nosso site]

Diferentemente de Van Til, ele [Clark] tomou o termo *pressuposição* para se referir a uma hipótese que não poderia ser ultimamente provada, mas que poderia ser progressivamente verificada pela análise lógica. Isso indica alguma falta de clareza na mente de Clark quanto ao o que o padrão último de prova realmente é. Se o padrão último é a revelação de Deus, então, as pressuposições da fé cristã não somente são prováveis, mas são também o critério pelo qual todas as provas devem ser medidas.

O pensamento obscuro aqui não é o de Clark, mas o de Frame. Por definição, aquilo que é uma *pré*-suposição não é provável. Senão ela seria uma *pós*-suposição. Ou Frame está tomando a visão das palavras de Humpty-Dumpty? O ponto de Clark é que o axioma (ou pressuposição) de todo o pensamento cristão é que a Bíblia é a Palavra de Deus. Axiomas (ou *pré*-suposições) não podem ser provadas; se elas pudessem ser provadas, elas não seriam axiomas. É interessante, contudo, que Frame aqui, como ele o faz mais tarde nesse livro (capítulos 10, 14, e 23), reconhece o fato de que Van Til, que é elogiado como o “Sr. Pressuposicionalista”, não é realmente um pressuposicionalista de forma alguma. Por quê? Porque, diferentemente de Clark, ele crê que há provas para a existência de Deus e para a verdade de Sua Palavra.

A Parte Dois é intitulada “A Metafísica do Conhecimento”. Segundo Frame, essa é a parte mais forte do sistema de Van Til. Aqui o autor discute “a visão de Van Til da natureza básica do conhecimento humano dentro da cosmovisão cristã” (51). Ele também inclui “seu ensino sobre a natureza de Deus, a Trindade, a distinção Criador-criação, e a necessidade de pressupor a revelação de Deus em todo pensamento humano” (398).

Mas Van Til é realmente ortodoxo nessa área do teísmo cristão? O que dizer, por exemplo, de sua doutrina da Trindade? Van Til cria que Deus é ao mesmo tempo tanto uma pessoa como três pessoas. Como Frame diz: “Para Van Til, Deus não é simplesmente uma unidade de pessoas; ele é *uma* pessoa” (65, *italico* seu). Isso, sem dúvida, não é o ensino do Cristianismo ortodoxo, que mantém que Deus é um em essência (ou substância) e três em pessoa. “Na unidade da Deidade há três pessoas, de uma mesma substância, poder, e eternidade; Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo”, diz a Confissão de Fé de Westminster.

Van Til negou que seu conceito da Trindade fosse uma contradição, todavia, ele “abraçou com paixão a idéia da aparentemente contraditória” natureza dessa visão (67). Frame admite que a visão do seu mentor é de certa forma nova; ele a chama de “um movimento teológico muito ousado” (65). Mas sua tentativa de esclarecer a “contradição aparente” somente agrava o problema; ele foge com a incrível reivindicação de que a Bíblia é imprecisa com respeito a essa essencial doutrina do Cristianismo: “A própria Escritura freqüentemente falha em ser precisa sobre os mistérios da fé” (69). (Como um ponto de interesse, nessa seção [77-78] torna-se totalmente evidente que Frame, e Van Til também, crêem que a ciência pode nos dar conhecimento, isto é, fatos verdadeiros e leis verdadeiras. Para a refutação bíblica disso, veja o livro *The Philosophy of Science and Belief in God* de Gordon Clark).

Então, há o conceito de Van Til do “conhecimento analógico” (Capítulo 7). Ele ensinou que todo conhecimento humano é (e somente pode ser) analógico ao conhecimento de Deus; não há nenhum ponto não-ambíguo, nenhum ponto de coincidência, entre o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem. Proposições, então, não podem ter o mesmo significado para Deus que elas têm para o homem. (Incrível como possa soar, Van Til foi tão longe ao ponto de negar que toda verdade, com respeito as Deus, seja proposicional. Ele não explicou o que a frase “verdade não-proposicional poderia significar”).

O problema aqui é que se não há ponto inequívoco no qual o conhecimento do homem encontra o conhecimento de Deus, então, o homem nunca pode conhecer a verdade. Por quê? Porque Deus é onisciente, isto é, Ele conhece toda a verdade. Por conseguinte, se o homem não conhece o que Deus conhece, suas idéias nunca podem ser verdadeiras. Ou, para dizer de outra forma, se o conceito de Van Til de conhecimento analógico fosse verdadeiro, então, não seria possível para o homem fazer o que Van Til o chama a fazer, isto é, “pensar os *pensamentos* de Deus conforme Ele” (92). De fato, não seria possível para sua teoria da analogia ser verdadeira.

Embora Frame negue, Clark estava correto quando manteve que o conceito de Van Til de conhecimento analógico estava muito mais perto daquele de Tomás de Aquino do que os Van Tilianos estão dispostos a admitir. Tal visão, se seguida até sua conclusão lógica, leva ao ceticismo. Simplesmente declarado, uma analogia da verdade não é a verdade.

A questão do conhecimento analógico nos traz à “Controvérsia com Clark” (capítulo 8). Em 1944, Cornelius Van Til e outros onze presbíteros apresentaram uma queixa contra a ação do Presbitério da Filadélfia com respeito à autorização e ordenação de Gordon Clark na Igreja Presbiteriana Ortodoxa. Havia várias questões envolvidas na “Queixa”, mas os itens principais tinham a ver com o conhecimento analógico e com “a incompreensibilidade de Deus”. Clark ensinou que havia uma distinção quantitativa, mas não uma distinção qualitativa entre o conteúdo do conhecimento de Deus e o conteúdo do conhecimento do homem; isto é, a diferença no conhecimento é uma de grau, não de tipo. Os dozes presbíteros discordaram. Eles negaram que havia um ponto não-ambíguo no qual o conhecimento de Deus encontrava o conhecimento do homem.

A controvérsia continuou por um tempo. Finalmente a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana Ortodoxa foi a favor de Clark. Para um estudo profundo do assunto todo, a pessoa deverá ler *The Clark-Van Til Controversy*,⁴ de Herman Hoeksema. A análise de Hoeksema do debate é excelente. Nela ele expõe os erros de Van Til e dos seus associados. Para crédito de John Frame, ele critica o procedimento de Van Til na controvérsia com Clark. E concluí o capítulo declarando: “Clark e Van Til estão agora juntos no céu. Fico feliz em anunciar que eles estão agora reconciliados” (113).

⁴ Herman Hoeksema, *The Clark-Van Til Controversy* (Trinity Foundation, 1995).

No capítulo 11, intitulado “A Primazia do Intelecto”, encontramos outra falha em Van Til. Ele e Frame se opõem a esse princípio como tradicionalmente expresso por homens tais como Agostinho, Calvino, Machen e Clark. Van Til declarou que havia uma tripla distinção entre os poderes da alma: intelecto, vontade e emoção. Segundo Frame, Van Til apresenta uma posição de que “o intelecto, a vontade e as emoções humanas” são “ontologicamente iguais”, mas o intelecto é “economicamente” primário (144). Essa visão, como Hoeksema aponta, tem sempre sido “fortemente negada” pelos teólogos reformados.⁵ O Professor Frame, por outro lado, vai mais adiante para dizer que “eu penso que é aconselhável que os teólogos reformados evitem advogar a primazia do intelecto” (148). Ele considera “o conceito tradicional da primazia do intelecto” como sendo “insustentável” (170).

De acordo com a Bíblia, contudo, o intelecto é primário porque uma pessoa é sua mente, sua alma ou seu espírito. Pessoas têm corpos e emoções, mas pessoas não são corpos ou emoções. Como Clark e Agostinho diriam, o corpo é o instrumento da alma ou espírito ou mente, que é a pessoa. Como um homem pensa (não se emociona) em seu coração, assim ele é. A revelação é conduzida, não ao corpo ou emoções do homem, mas à sua mente, por meio de proposições bíblicas. É a mente (o intelecto) do homem que precisa ser “transformada” (Romanos 12:1,2) e “cingido” (1 Pedro 1:13). É a mente do homem caído que está em “inimizade” com Deus (Colossenses 1:21). Os homens andam na “futilidade da sua mente” (Efésios 4:17); eles são “fúteis em seus pensamentos” (Romanos 1:21).

Van Til abraçou as “contradições aparentes” na Bíblia. Talvez isso seja devido à sua visão anti-bíblica da lógica. A depreciação da lógica por Van Til, não do mal-uso da lógica, mas da própria lógica, é bem conhecida.⁶ No capítulo 12, Frame concede que Van Til crê que muitas das doutrinas da Escritura são “aparentemente contraditórias”. Além do mais, elas não devem ser resolvidas diante do tribunal da razão humana. Enquanto que a Bíblia reivindica que “Deus não é o autor de confusão” (1 Coríntios 14:33), e que não há nada escrito nela que não “possamos ler ou entender” (2 Coríntios 1:13), Van Til chega ao ponto de dizer que “todo ensino da Escritura é aparentemente contraditório” (159), isto é, logicamente paradoxal.

Robert Reymond, em defesa de um Cristianismo racional, argumenta contra a irracionalidade de Van Til quando ele escreve: “Se tal é o caso [que toda verdade cristã será, no final, paradoxal], [então]... ela condena desde o início, como fútil, até mesmo a tentativa de uma teologia sistemática (ordenada)... visto que é impossível reduzir a um sistema paradoxos irreconciliáveis que firmemente resistem às todas tentativas de sistematização harmoniosa”.⁷ Em outras palavras, se a visão de Van Til da lógica e da Escritura for seguida até sua conclusão lógica, não poderia haver

⁵ *Ibid.*, 19.

⁶ Veja, por exemplo, Robert Reymond, *Preach the Word* (Rutherford House, 1988), 16-35, e Ronald Nash, *The Word of God and the Mind of Man* (Zondervan, 1982), 99-101.

⁷ Reymond, *op. cit.*, 29.

nenhum sistema de verdade bíblica. Em cada ponto, as visões peculiares de Van Til minam a Bíblia.

Tristemente, Van Til e outros têm estigmatizado Gordon Clark de um racionalista, pois ele cria que devemos recusar aceitar as “contradições aparentes” encontradas na Bíblia. Devemos, ensinava Clark, tentar solucionar os assim-chamados “paradoxos”, para harmonizar a Escritura consigo mesma. O presente revisor concorda com Hoeksema quando ele escreve: “Há aqui, deveras, algo que é mais do que impressionante, que é realmente inacreditável, que pode quase ser catalogado como outro paradoxo: o fenômeno de que teólogos [Van Til e outros] acusam um outro irmão teólogo de heresia porque ele tenta solucionar problemas”.⁸

A Parte Três desse volume é intitulada “A Ética do Conhecimento”. Aqui o autor trata com os ensinamentos de Van Til com respeito “aos efeitos da Queda sobre o nosso conhecimento” (51). Em suas próprias palavras, Frame diz: “Eu sou mais crítico dele [Van Til] nessa área do que o sou na área de metafísica do conhecimento” (187). Ele conclui que aqui temos “uma área tanto de força como de fraqueza” (398).

Notavelmente, Frame aponta a inconsistência de Van Til ao apresentar seu conceito da antítese que existe entre o pensamento cristão e o não-cristão: “Minha avaliação é que... essas formulações não são totalmente consistentes umas com as outras” (192). Frame não diz isso, mas esse é um problema constante com Van Til. Inconsistências abundam.

No capítulo 16 chegamos ao ensino de Van Til sobre “Graça Comum”. Aqui novamente, sua posição é errada. Isso é especialmente verdadeiro em sua visão da “livre oferta do Evangelho”. Isso é, Van Til fala de “um oferta sincera de salvação aos homens em geral, incluindo eleitos e não-eleitos” (220). Ou para colocar de outra forma, Van Til crê que Deus deseja sinceramente a salvação daqueles a quem Ele não pré-ordenou para a salvação.

John Frame, embora tenha algumas críticas de seu mentor nessa área, da mesma forma crê que “Deus deseja que todos os indivíduos se arrependam, quer Ele tenha ou não pré-ordenado os mesmos para assim se arrependerem” (223). Simplesmente declarado, isso é ridículo. É inconcebível que Deus procure sinceramente a salvação daqueles a quem desde a eternidade Ele determinou não salvar. Qual é a solução de Frame? Simples: “Aqui devemos invocar as doutrinas de paradoxo e de pensamento analógico de Van Til” (223). Muito esperto, né? Sempre que os Van Tilianos se deparam com um problema, eles o chamam de um paradoxo e seguem adiante. Chame-a do que

⁸ Hoeksema, *op. cit.*, 24.

você quiser, ela é irracional. Além disso, como Hoeksema corretamente diz, ela é uma forma de Arminianismo incipiente.⁹

O capítulo final da Parte Três trata com “Racionalismo e Irracionalismo”. Van Til ensina que todo pensamento não-cristão, contrário ao pensamento cristão, consiste de uma dialética constante de racionalismo e irracionalismo. Ela começou no Jardim do Éden com Adão e Eva, e ela tem existido desde então. Frame escreve: “Em minha visão, a análise de Van Til da história do pensamento não-cristão em termos de racionalismo e irracionalismo, juntamente com sua justificação teológica, é uma das suas melhores realizações. Ela é escrituristicamente baseada em sua acurada descrição da cosmovisão cristã e na negação do incrédulo dela. Ela é confirmada pela análise dos próprios textos seculares” (236).

A Parte Quatro é intitulada “O Argumento para o Cristianismo”. Nela o autor mostra “como, na visão de Van Til, um crente deve argumentar e defender o evangelho para um incrédulo à luz da metafísica e da ética do conhecimento” (51). Mas antes de aprender o “como” do modo de Van Til, devemos primeiro aprender o “como não”. Assim, os capítulos 18-21 nos dá a análise e crítica do “método tradicional” dos pais da Igreja (incluindo Agostinho), Tomás de Aquino, Joseph Butler, e Edward J. Carnell. Segundo Frame, há elementos positivos e negativos na crítica de Van Til desses outros sistemas de apologética.

Então, no capítulo 22 somos informados que o argumento para o Cristianismo deve necessariamente ser circular ou “espiral”, sempre descansando sobre a pressuposição da revelação de Deus ao homem na Bíblia. Nas próprias palavras de Van Til: “Admitir as pressuposições de alguém e apontar as pressuposições de outros é, portanto, manter que todo raciocínio é, na natureza do caso, um raciocínio circular. O ponto de partida, o método e a conclusão sempre estão envolvidos num ou noutro” (302). Nesse sentido, certamente, o que é ele é diz é correto.

Finalmente, no capítulo 23, “Raciocinando por Pressuposição”, nas palavras do autor, “chegamos agora à metodologia recomendada de Van Til para o testemunho apologético. Aqui está, finalmente, seu real argumento – sua ‘prova absolutamente certa’ do teísmo cristão” (311).

Como visto anteriormente, Van Til não é um pressuposicionalista. Pressuposicionalismo, por definição, exclui o uso de provas para a pressuposição. Em seu livro, *Cornelius Van Til: The Man and the Myth*, John Robbins cita vários exemplos onde Van Til fala favoravelmente com respeito às provas da existência de Deus. Escreve Van Til:

“Os homens devem raciocinar analogicamente à partir da natureza até ao Deus da natureza. Os homens devem, portanto, usar o argumento cosmológico analogicamente para então concluir que Deus é o criador desse universo... Os homens devem usar também o argumento

⁹ Hoeksema, *op. cit.*, chapters 9 and 10.

ontológico analogicamente... O argumento para a existência de Deus e para a verdade do Cristianismo é objetivamente válido. Não deveríamos rebaixar a validade desse argumento para o nível da probabilidade. O argumento pode ser pobremente declarado, e pode nunca ser adequadamente declarado. Mas em si mesmo o argumento é absolutamente sadio... Assim, há absolutamente provas certas para a existência de Deus e a verdade do teísmo cristão".¹⁰

Essas declarações são notavelmente Tomistas.

Qual é a "prova absolutamente certa" de Van Til "do teísmo cristão"? Diz Frame, ela é um argumento "indireto": a impossibilidade do contrário. Nas palavras de Van Til: "As provas teístas, portanto, reduzem à uma prova, a prova que argumenta que a menos que esse Deus, o Deus da Bíblia, o ser último, o Criador, o controlador do universo, seja pressuposto como o fundamento da experiência humana, essa experiência opera num vazio. Essa uma prova é absolutamente convincente" (313). Van Til parece confundir "convincente" com "válida".

Van Til continua: "O apologista cristão deve colocar a si mesmo sob a posição de seu oponente, assumindo a correção de seu método meramente por causa do argumento, para mostrá-lo que sobre tal posição os 'fatos' não são fatos e que as 'leis' não são leis. Ele deve também pedir ao não-cristão para colocar a si mesmo sob a posição cristã por causa do argumento, para que possa lhe ser mostrado que somente sob tal base 'fatos' e 'leis' parecem inteligíveis" (313,314).

O problema aqui é que se o cristão está formulando seus argumentos sobre a pressuposição da revelação bíblica, então, não há "prova teísta" de forma alguma. Ela é simplesmente uma revelação divina, não um argumento para Deus ou Sua Palavra. Por conseguinte, sugerir, como Van Til e alguns de seus discípulos fazem, que as "provas teístas" tradicionais podem ser reformuladas numa forma bíblica, sob a qual elas são válidas, é absurdo.

Por outro lado, se o argumento transcendental está sendo usado como um argumento *ad hominem* argument, isto é, um *reductio ad absurdum*, então novamente ele prova nada com respeito à verdade do teísmo cristão. Reduzir os argumentos do oponente ao absurdo, mostrando-o através disso a futilidade do seu próprio método, é uma excelente ferramenta apologética. Mas isso não prova a veracidade do sistema cristão. De fato, se todos os outros "sistemas" pudessem ser mostrados como falsos, isso ainda não provaria ser o Cristianismo verdadeiro. Van Til e seus discípulos estão confusos.

Qual é, então, a conclusão? A "prova absolutamente certa" do "método transcendental" não existe. Não há prova para Deus e a Sua Palavra. Uma epistemologia cristã começa com a Bíblia como a Palavra de Deus; esse é um

¹⁰ Robbins, *Van Til*, 13.

axioma indemonstrável, a partir do qual todas as teorias verdadeiras devem ser deduzidas. Sendo um axioma, ele não pode ser provado. Se ele pudesse ser provado, ele não poderia ser o ponto de partida. Por que temos que continuar repetindo o óbvio em benefício dos Van Tilianos?

Na Parte Cinco lemos sobre “Van Til como Crítico”. Aqui o autor estuda “a apologética ofensiva de Van Til, sua análise crítica dos sistemas incrédulos e da influência da incredulidade sobre a teologia cristã” (51). Frame escreve: “Van Til está em seu pior em suas críticas de outros pensadores, mas até aqui ele fornece *insights* valiosos” (399). Nessa seção, que não será analisada pelo revisor, temos a interação de Van Til com a “Filosofia Grega e o Escolasticismo”, Immanuel Kant e Karl Barth, e Herman Dooyeweerd. É suficiente dizer que, nas próprias palavras de Frame, aqui Van Til “aponta alguns erros e confusões genuínas e sérias naqueles sistemas, e até mais no sistema de Karl Barth. Dando à igreja tal advertência clara sobre esses erros, ele merece a recomendação de todos cristãos” (400).

Finalmente, na Parte Seis chegamos às “Conclusões”. O capítulo 28 é um estudo interessante dos “Sucessores de Van Til”, que inclui seus sucessores imediatos, os Teonomistas, bem como alguns outros. Então, no capítulo 29, “Van Til e Nosso Futuro”, o autor nos dá um sumário de suas conclusões. Ele é crítico em algumas áreas, mas apoiador na maioria. “Eu creio, portanto,” diz o autor, “que podemos aprender muito do que é bom e valioso em Van Til sem sermos devotos escravizados. Não é necessário para o movimento Van Tiliano manter uma mentalidade de movimento. Nem é necessário permanecer em absoluta antítese contra todos nossos companheiros cristãos que não têm até aqui se unido ao movimento” (400).

CONCLUSÃO

Entre outras coisas, o Professor Frame conclui que Van Til “é talvez o pensador mais importante desde Calvino”. Ele não está sozinho com tal declaração superlativa. Van Til tem sido chamado de “indubitavelmente o maior defensor da fé cristã em nosso século”. Tem sido dito que “em toda área de pensamento, a filosofia de Cornelius Van Til é de importância crítica e central”. Outros de seus admiradores dizem que Van Til “é um gigante legendário”, “de ortodoxia inquestionável”.¹¹

Mas, como temos visto, esses comentários são injustificáveis. Ela ignora que uma grande quantidade dos ensinamentos de Van Til está longe de “ortodoxia inquestionável”. Eles não passam no teste Bereano de Atos 17:11. Pior ainda, muito do pensamento de Van Til não é apenas errado, mas perigosamente errado. Robbins disse muito bem: “Voltemos-nos do Van Tilianismo e ‘abracemos com paixão’ os ideais escriturísticos de clareza tanto de pensamento como de fala; reconheçamos, com Cristo e a Assembléia de Westminster, a indispensabilidade da lógica; creiamos e ensinemos, com Agostinho e Atanásio, a doutrina ortodoxa da Trindade; e defendamos a consistência e inteligibilidade da Bíblia. Então, e somente então, o Cristianismo terá um futuro brilhante e glorioso na América e por toda a Terra”.¹²

Traduzido por: [Felipe Sabino de Araújo Neto](#)
Cuiabá-MT, 29 de julho de 2005.

¹¹ Cited in Robbins, *Van Til*, 1, 2.

¹² *Ibid.*, 40.